



## Qual o papel das instituições de ensino?

# 10

**Daniel Castanho** | Fundador e Presidente do Conselho de Administração da Anima Educação.

**André Tavares** | CFO da Anima Educação e mestrando em Administração pela Fundação Dom Cabral

Em todas as sociedades humanas, a atividade de ensinar sempre ocupou posição de grande importância, seja como mecanismo de transmissão cultural e intelectual ou como instrumento de preparação para o mercado de trabalho. Mas, além dessas funções, o ensino se realiza, amplia e transforma em educação quando, principalmente, prepara indivíduos e grupos para atuarem como protagonistas, na construção de um futuro desejado, enfrentando com competência os desafios.

Nos tempos em que vivemos, especialmente neste 2020 marcado pela pandemia da Covid-19, as instituições de ensino, especialmente de nível superior, precisam assumir seu verdadeiro papel de educadoras. Devem migrar do modelo que privilegia a reprodução de um conhecimento meramente instrumental – cada vez mais disponível, difundido e com taxas crescentes de obsolescência –, para uma atuação como ecossistemas, em que o aprender e o evoluir sejam as motivações principais, gerando valor especialmente nas conexões e redes estabelecidas.

Nesse sentido, os conceitos de tempo e espaço terão de ser revistos. O que presenciamos, neste período de quarentena, são exemplos eloquentes de que o “aprender” não está confinado e nem restrito ao espaço físico da sala de aula. O conceito de ensino a distância ganhou outro significado, passando a representar um ensino próximo, mediado pela tecnologia. Fica claro que uma conversa entre poucas pessoas, por videoconferência, tem muito mais proximidade do que um grande evento presencial, para milhares de participantes.

Os momentos presenciais não serão dispensados. Pelo contrário, deverão ser ainda mais valorizados, pois serão experiências reais de troca e crescimento, de estímulo à reflexão e ao desenvolvimento de habilidades, como empatia e autonomia, que possibilitem um salto de autoconhecimento e autoestima, características indispensáveis para arriscar e ousar neste mundo de crescentes incertezas.

Todas essas mudanças exigirão das instituições de ensino uma grande transformação digital, muito além da aquisição de softwares, representando uma mudança significativa a caminho de uma cultura verdadeiramente digital. Sabendo lidar com dados que podem ser obtidos através do uso mais intenso da tecnologia, a instituição de educação poderá identificar estratégias mais produtivas na aprendizagem de determinados alunos, com professores de alta performance e ambientes ou tecnologias que apresentem melhores resultados – a emergência do conceito de *Omni Learning*.

Em consequência, o estudante deverá ter um percurso formativo mais flexível e personalizado, definido por ele com aconselhamento e mentorias. Em vez de uma postura passiva, estudando o que já está programado, o aluno poderá definir juntamente com a instituição de ensino o seu currículo, temas de estudo e experiências educacionais, vivenciando temas que façam realmente sentido para ele e/ou sua profissão. Vai aprender pelo desejo e pela necessidade, fortalecendo o espírito empreendedor e o protagonismo de sua educação.

Existem, ainda, inúmeros desafios que devem ser melhor equacionados. Em tempos de telemedicina e impressoras 3D domésticas, precisamos adequar o treinamento de professores para tirar o máximo proveito da tecnologia, rever e adaptar sistemas de avaliação, investir em laboratórios virtuais incrementados, reconsiderar e redesenhar atividades, até agora consideradas de presença física indispensável.

Como ecossistemas de aprendizagem, as instituições de ensino deverão assumir papel de liderança e protagonismo no estabelecimento de redes de aprendizagem, envolvendo empresas, centros de pesquisa, experts, instituições governamentais e as próprias instituições. Para isso, precisam ser menos individualistas e estar mais abertas a diferentes modalidades de arranjos e alianças estratégicas, condição necessária para a emergência de centros de pesquisa de excelência.

Os governos também têm papel importante e devem se integrar a esses esforços. Em muitos casos, será preciso revisar os marcos regulatórios, para incentivar o estabelecimento de redes e a integração das instituições de educação entre si e com empresas, com a inclusão de previsão legal para que as atividades desenvolvidas nos espaços comuns sejam consideradas acadêmicas. Já nas frentes de justiça social e geração de oportunidades de educação para os mais pobres, as bolsas e vagas em instituições de ensino deveriam ser acompanhadas de condições especiais e *vouchers*, para que os estudantes menos favorecidos tenham acesso à internet, permitindo assim sua participação efetiva nos ambientes digitais.

O atual cenário ainda está cheio de dúvidas, ambiguidades e baixíssima visibilidade sobre como será a sociedade no futuro. Uma coisa, no entanto, parece certa: as instituições de ensino devem se reinventar e se transformar em ecossistemas de aprendizagem, que permitam aos seus integrantes atuarem como protagonistas na construção do futuro, não importa qual seja. Até porque, o verdadeiro valor de uma instituição educacional é o tamanho do impacto positivo gerado na sociedade pelos estudantes que por ela passaram.